



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

JOICE SILVA

(depoimento)

2012

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Joice Silva

Entrevistadora: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Local da entrevista: Centro de Treinamento da Confederação Brasileira de Lutas Associadas – Rio de Janeiro.

Data da entrevista: 15/12/2012

Processamento da Entrevista: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 9 páginas

Número da entrevista: E-483

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2014

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

SUMÁRIO

Inserção e trajetória na Luta Olímpica; Motivação para vida esportiva; Conciliação entre os estudos e a vida de atleta; Bolsa Atleta e a dedicação exclusiva ao esporte; Trajetória até a chegada às Olimpíadas; Apoio da família em relação à prática esportiva; Conquistas dentro e fora da luta; Regras e características da modalidade; Feminilidade e práticas de lutas; Mudanças no corpo atribuídas à Luta Olímpica.

V: A primeira pergunta é quais foram os motivadores para a sua inserção na Luta Olímpica?

J: Na Luta Olímpica? Eh... Eu também lutava Jiu Jitsu, uma outra luta, e meu professor de Jiu Jitsu achou que a Luta Olímpica poderia me ajudar tecnicamente, no Jiu Jitsu, né, que é em pé, na parte de queda e tal. Ele falou: Vai lá! Procura o... No caso era na Gama Filho que tinha escolinha de Luta Olímpica. Aí ele falou pra eu ir lá procurar a Gama Filho que tinha Luta Olímpica e tal. Ele me falava isso várias vezes e eu nunca ia. Até que teve uma época que ia ter uma competição e a gama Filho queria fazer uma equipe feminina. Aí meu professor de Jiu Jitsu conhecia o professor lá da Gama Filho, aí ele falou: Ah, você não tem nenhuma menina aí pra vir, pra trazer, pra lutar pela gente? Aí eu fui, né, fui pra competir o campeonato estadual. Aí eu fiz umas aulas e fui pra competição, aí fui campeã.

V: Já na primeira?

J: Já na primeira. Eu tinha uma noção do Jiu Jitsu, né. Aí me ensinaram algumas regras, adaptei alguma coisa, aí depois desse campeonato estadual, eu ganhei a vaga, como fui campeã, eu ganhei uma vaga pra participar do campeonato brasileiro e aí, em seguida, eu fui campeã brasileira. Aí já fiquei muito motivada, né. Oh, legal! Entrei agora, né, e já fui campeã brasileira. Então, eu fui continuando, né. Até que chegou o momento em que eu tive que escolher porque não dava pra treinar as duas coisas. Aí foram várias coisas que influenciaram: o fato de treinar lá na Gama Filho, de surgir que eu poderia ter bolsa de estudos, as oportunidades, né, que a Luta Olímpica acabou me criando na época.

V: Eh... lá na Gama Filho, pela Luta Olímpica, você tinha direito à bolsa de estudos?

J: É. Depois de um ano, né, eu entrei... Eu escolhi a Luta Olímpica, parei de treinar o Jiu Jitsu. Fiquei um ano... Depois de um ano, no ano seguinte, eu ganhei a bolsa de estudos. Aí eu podia escolher o curso que eu quisesse e eu escolhi Educação Física. Aí eu treinava e estudava.

V: E como foi conciliar tudo isso?

J: Olha, foi fácil, porque treinava durante o dia, de manhã e de tarde, e estudava a noite. Aí foi tranquilo.

V: E que característica da Luta que te instigou? Mesmo que tenha tido outras questões na sua escolha, da própria luta, o que te instigou?

J: Ah, assim, é luta também, né. O Jiu Jitsu, assim, são lutas. No caso, eu sempre gostei de esportes. Mas antes eu fazia futebol, basquete, já fiz de tudo. Eu sempre conciliei um horário escola e outro horário o esporte porque eu gostava. Eu sempre gostei, desde pequena, desde criança. Mas, quando eu conheci a Luta Olímpica... Quando eu entrei no Jiu Jitsu, na verdade, eu nunca tinha feito luta nenhuma. Então, eu entrei porque realmente era muito diferente pra mim. Eu pensava: Ah, eu nunca fiz nenhuma luta. Quero ver como que é e tal. E aí eu fui gostando pelas pessoas que eu conhecia, pelas amizades que eu fiz, eu fazia na escola, né. O professor também estava sempre motivando a participar de competição. Ah, eu não sei exatamente o que é que me conquistou, né, na Luta Olímpica. A Luta Olímpica, o fato de ser olímpica e eu sempre quis ser atleta e ali eu vi a oportunidade de “Poxa! Aqui eu posso um dia chegar numa olimpíada”, que eu queria. Então, ao mesmo tempo que eu estava estudando, eu sempre tinha um sonho de “Ah, um dia eu quero chegar numa olimpíada, participar de uma olimpíada, ser atleta”, sabe, sempre quis. Aí eu acho que eu vi essa oportunidade na Luta Olímpica.

V: E como você percebeu que se tornava uma atleta de alto rendimento?

J: Foi assim... Eu sempre quis, né. Sempre conciliei o estudo porque, também, pé no chão, né. A realidade de ser atleta no Brasil é outra. Hoje em dia, graças a Deus tá mudando bastante. Mas não dava pra eu dizer “Ah, quero ser atleta”, né. Eu queria, mas não podia falar assim: “Não mãe vou virar atleta. Vou largar tudo”. Então, eu sempre estudei. No ensino médio eu fiz enfermagem, fiz técnico em enfermagem, aí logo depois eu fiz pré-militar, fiquei um tempo... Ao mesmo tempo que eu treinava, eu conciliava essas coisas. O cursinho pré-militar, fiz prova pra sargento, prova pro bombeiro, aí não

passei e tal. Mas quando eu entrei na Luta Olímpica lá na Gama Filho, que logo veio a oportunidade, depois de um ano fazer... Ah, não. Agora confirmou você vai ganhar a bolsa no ano que vem e tal. Nessa época também surgiu o Bolsa Atleta do governo, né, que ele dá uma quantia em dinheiro e tal. Então, foi aí que eu vi que “Não, agora eu recebendo esse dinheiro aqui eu vou me dedicar só à Luta”, Eu vou... Sabe, eu não preciso trabalhar agora. Aí eu perdi esse medo, assim, de “Ah, vou fazer o quê? Vou me sustentar de onde?” Então, foi com o Bolsa Atleta que eu me dediquei totalmente. Quando começou esse Programa, o Bolsa Atleta, foi quando eu me dediquei totalmente pra Luta.

V: Você lembra há quanto tempo?

J: Foi em 2005.

V: E a sua trajetória até as Olimpíadas? Como que você percebeu que você chegaria numa Olimpíada?

J: Aí, né, em 2005, 2006 eu tinha competido. Eu tinha... Eu sempre faço por metas, né. A próxima competição, a próxima meta é a competição tal, né, é o Campeonato Brasileiro, aí no outro ano o Campeonato Panamericano, Sulamericano e a gente vai, vai aumentando, né, vai se superando, tentando se superar ali. E em 2007 eu lutei nos Jogos Panamericanos aqui do Rio, 2008 já era ano olímpico, Pequim, e eu fui, já fazia parte da seleção, fui fazer parte dos... Fui lutar no pré-olímpico pra me classificar. Só que eu não me classifiquei. Então, assim, eu continuei os quatro anos, né, de 2008 até agora em 2012 com a meta de “Eu vou treinar porque eu quero um dia participar das Olimpíadas”, né. É uma meta, assim. Todo atleta quer o auge. “Qual que é o máximo que eu posso? É ser campeão olímpico? Ah, então é isso que eu quero”.

V: E a sua família, como ela reagiu a sua escolha de ser uma atleta de Luta Olímpica?

J: É, antes já... Quando eu comecei, ainda no Jiu Jitsu, assim, minha mãe não gostava muito por ser luta, mas, ela só não falava tanto porque eu nunca deixei os estudos de lado, entendeu? Acho que se eu chegasse pra ela e falasse “Ah, não mãe, parei de

estudar, vou só lutar”, aí eu acho que ela ia encrencar, não ia gostar. Mas, como eu não parei, né, eu continuei treinando e estudando. Depois do Jiu Jitsu veio a Luta Olímpica. Eu tava na faculdade, viajava, competia, mas tava me formando. Então, ela ficou mais tranquila. Ela não gosta de assistir competição nenhuma, fica nervosa e tal. Assistiu só as principais mesmo, né. Aqui no Rio, no Pan, ela foi lá porque era aqui no Rio tudo. O Pan, os Jogos, foi com outras pessoas, com as amigas, a família, familiares. Mas não gosta pelo fato de ser luta, não gosta de me assistir lutando. Quando ela pode evitar, ela não vai mesmo. Nem assiste, nem nada. Mas, hoje em dia, tá tranquilo.

V: E seu irmão? Que também está no meio esportivo, como que...?

J: É, meu irmão é mais velho. Eu sempre vi meu irmão fazendo muitas atividades, aí imitava, né, um pouco. Meu irmão faz isso, faz aquilo, então, eu quero imitar também. Então, acho que foi muito por aí no esporte. Eu gostava e ainda via o meu irmão fazendo e queria mais. Ele também já fez várias modalidades, participou. Mas ele competiu mesmo foi com o fisiculturismo. A paixão dele era o fisiculturismo. Mas por agora ele já parou de competir.

V: Mas ele sempre te apoiava em tudo isso?

J: Sim, apoia muito.

V: E dificuldades? Você encontrou ou enfrenta dificuldades para permanecer como atleta? Que você identifique como dificuldade?

J: Olha, eu não sei. Eu fazia... Eu sempre fiz o que eu gosto, sabe, o que eu sempre quis fazer. Mas, dificuldades a gente tem em relação a patrocínio, a ter uma competição e não saber se vai poder viajar ou não porque não tem o dinheiro, ninguém tem quem pudesse bancar passagem e tal. Mas isso foi por pouco tempo, sabe. Porque... Eu sempre me dediquei muito. Aí eu pensava assim “Ah, se eles puderem levar um atleta só, que seja eu, porque eu tô aqui, tô me dedicando. Eles vão ver que eu tô treinando forte, que eu quero muito”. Então, sempre treinei assim, sabe. Eu sempre fui assídua, eu nunca... [interrupção]. Tava falando das dificuldades, né? Então, logo no início, né, não

tinha dinheiro pra participar de algumas competições e tal. Cheguei a fazer até rifa lá na Igreja com o pessoal lá na Igreja pra eu poder participar de um Campeonato Mundial, que aí não tinha como custear, não vai poder levar.

V: E deu certo?

J: Deu certo porque no final, assim, a Confederação até me levou. Mas o pessoal, assim, se mobilizou. Foi muito bacana. “Não, a Joice tem que ir. Vamos fazer uma rifa aqui”. Mas no final a Confederação me levou mesmo.

V: E o uso da joelheira no treinamento? É por causa de alguma...?

J: Não, é proteção. É pra proteção mesmo, porque a gente ajoelha muito. As técnicas de Luta Olímpica é de muita repetição, assim, queima, o joelho. É só pra proteger.

V: Lesão...?

J: Graças a Deus eu nunca tive não. Fiz uma cirurgia de hérnia inguinal, que foi por esforço. Mas não é uma lesão, assim. Não sei se considera como lesão.

V: Bem, você já comentou um pouco, mas eu gostaria que você descrevesse as suas conquistas, tanto pessoais quanto esportivas, que estejam ligadas à Luta Olímpica.

J: Então, pessoais, né, a faculdade, os amigos. Hoje a vida gira toda em torno... A vida toda também não, mas muito, né, em torno dos meus amigos na Luta. E conquistas, assim, títulos, eu sou 10 vezes campeã brasileira. O mais importante foi a participação em Londres, né, com certeza. Conquistar a vaga ali foi meu auge, assim. Esse ano foi auge da minha carreira. Tenho alguns títulos internacionais também: vice-campeã no Torneio da Espanha esse ano, fui vice também na Bulgária... Não, na Bulgária eu fiquei em quinto.

V: Já está perdendo a conta dos títulos?

J: É. A gente vai perdendo. Tem que ter o papel do lado escrito mesmo. De cabeça a gente lembra dos últimos, né, que foi as Olimpíadas e 10 vezes campeã brasileira. Assim, desde que eu entrei na seleção brasileira, eu fui... eu sou a primeira do ranking, né. Tanto na categoria 55, quanto na 59.

V: Atualmente você está competindo na 55?

J: Agora não, eu encerrei. Encerrei nos Jogos Olímpicos a categoria 55 e agora eu sou 59.

V: E 2016?

J: Eh... O ciclo olímpico já começou pra 2016.

V: E como que você percebe que seus pares (gestores, colegas, outros lutadores, outras lutadoras) te veem? Como é a visão deles sobre você?

J: Eu acho que eles me veem como, eu acredito, como uma pessoa dedicada, uma atleta dedicada mesmo, esforçada. Como pessoa, eu sou na minha, assim, eu sou quieta, assim. Me dou bem com todo mundo, mas sou bem tranquila.

V: E sobre a Luta Olímpica, você consegue dizer em, pelo menos, três palavras o que ela significa pra você?

J: Trabalho, realização de sonhos. Acho que é valor, assim, na minha vida. Esporte e Luta Olímpica atualmente está em segundo lugar, terceiro, assim: minha mãe, Deus, minha religião e Luta Olímpica, esporte.

V: A gente entra agora em perguntas mais específicas do estudo. Eu te peço para você citar algumas características da modalidade.

J: A Luta Olímpica... A regra, o objetivo principal da Luta é encostar as costas do adversário no chão. Então, a Luta começa em pé. Ela tem quedas, características de

queda, você derruba o seu adversário e também continua no chão. Tem técnicas no chão, a Luta no chão em si, também. É... mais o quê... Não tem alavancas, não tem socos. Alavancas de chaves de braço, essas coisas. Estrangulamento não pode, não vale na regra, não faz parte da Luta Olímpica não.

V: E eu vi que vocês treinam tanto a técnica como também tem treinamento de força. É necessário o treinamento de força.

J: Sim. É luta, né. Porque às vezes você tá disputando... Que é a mesma coisa você não quer deixar o seu adversário conseguir... Disputa a força. A gente treina força, treina fisicamente, né. Tem a preparação física, que aí pode ser força, resistência, velocidade, explosão, dependendo da época, né, do período, do ciclo, do treino. A gente treina a tecnicamente, a técnica propriamente dita, a repetição do movimento, repetição, repetição. Tem um lado psicológico também, que tá aí incluído na técnica também. Tem várias coisas. É basicamente isso.

V: Você acha que essas características da modalidade elas podem influenciar na sua feminilidade?

J: Se influencia? É, assim, tem um momento na... que você tá treinando, tá ali dedicada, que você tem que, realmente, abrir mão de algumas coisas. No caso, uma vaidade feminina não dá pra... Você tem que abrir mão. Não dá pra conciliar muito. Por exemplo, eu não quero meu cabelo quebrado, então, às vezes a gente prende, arreventa, então eu coloco uma toquinha, eu treino com uma touca. Essa toquinha é vaidade porque não tem necessidade. Não tem porque faz parte do uniforme e tal. Mas, como cabelo caindo no meu rosto, não sei o quê, me atrapalha a treinar, eu coloco a toquinha que acaba os problemas, além de proteger o meu cabelo porque depois ele não arreventa tanto e tal, então, isso aí é um exemplo. Não dá pra ter unha grande, não dá pra ficar passando hidratante senão a gente sua e escorrega pra treinar. Então, tem umas coisas que na hora da luta, ali na hora do treino você tem que abrir mão um pouco da vaidade. Mas depois, acabou o treino, tomei meu banho, aí acabou. Eu volto à menininha de novo.

V: Pra você, o que é ser feminina?

J: Ah... Porque muitos pensam que a feminina é só aquela fresquinha, aquela mulher cheio de frescura. A outra brava também pode ser feminina, né (rsrs) [interrupção].

V: Em relação à feminilidade, no seu cotidiano, como você percebe o olhar dos outros?

J: Em relação à feminilidade não. O que falam é em relação, assim, fisicamente, né, porque eu sou um pouco mais definida, tenho o braço um pouquinho maior. Aí tem vezes, na rua, que até as pessoas que não me conhecem perguntam: O que você faz? Você malha? Nossa, eu queria ter um braço assim. Mas em relação à feminilidade não. As pessoas até se espantam quando eu digo que eu luto. Dizem “Nossa, você é assim tão calminha. Você luta?”. Quem não sabe que eu luto, né, me conhece, mas não sabe que eu luto se espanta, se assusta porque eu sou uma pessoa calma e tal. Mas em relação à feminilidade nunca ouvi nenhum comentário não.

V: Um outro ponto que eu gostaria que você comentasse é sobre seu corpo. Você está satisfeita da forma como ele é hoje?

J: Eu sou satisfeita sim. Como atleta a gente trabalha bastante, então, define e tal. Eu tô muito satisfeita.

V: E você já quis ou gostaria de mudar algo?

J: Ah, não é nada, vamos dizer assim “Se eu pudesse mudar”... Não é nada que eu tô morrendo por isso. Eu colocaria um enchimentozinho, assim. Mas também, se eu nunca colocar na vida, eu não vou morrer por causa disso. Não me acho mais feia por causa disso não.

V: E que mudanças aconteceram no seu corpo, desde a sua inserção, nas lutas, se puder ser mais específica, na Luta Olímpica?

J: Não, assim, a preparação física... Toda a dedicação que eu tive na Luta Olímpica foi muito mais profissional, né. Foi até depois que os técnicos cubanos vieram pra cá revolucionou toda a maneira que a gente treinava também. Bem diferente, né. Eu fiquei muito mais forte. Quando eles chegaram, quando a gente começou a treinar eu tava bem forte, bem resistente também, o condicionamento físico. Melhorou tudo. Então, mudou isso. Eu ganhei mais massa muscular, eu fiquei mais forte fisicamente.

V: Bom, a gente encerra, mas antes eu pergunto se você gostaria de fazer algum comentário sobre o que foi perguntado ou sobre o que não foi perguntado.

J: Não, eu não tenho nada a perguntar não.

V: Joice, então, brigada pela entrevista.